

# Interculturalité

# *Inter-culturel*

Relation entre êtres physiques

Construction psychique materno-infantile

Fait société

Le langage fait instituant

« C'est par le tissage de discours entrelacés  
que la société existe »

Toujours pluriel



# *Distinctions*

Culture

Identité

Communauté

Appartenance

# *Cultures*

Façons d'être ensemble et de voir le monde

Se positionner soi-même par rapport à  
l'environnement

Entrer en relation avec le monde

Mobiliser ses cinq sens

Mettre en marche tout son corps

Langage

Posture

Carnation

# *Identités*

## Limites du Moi

Physique : Barrière cutanée

Abstraite: Projections dans les esprits des autres (souvenirs, stéréotypes, effet miroir)

## Distances

Voulues, revendiquées

Ressenties,

Imposées

Porteuse (inductrice) d'une certaine culture

Expression de cette identité

« l'enfer c'est les autres »

# *Communautés : Partage d'intérêts communs*

## Géographiques

Habitat

Pays

Village d'origine

## De connaissance

## De transport

## Financiers

## Politiques

De domination

D'émancipation

# Appartenances

Sentiment de reconnaissance au sein d'un groupe

- ✦ Politique
- ✦ Sportive
- ✦ Travail (grandes conventions, vœux annuels)
- ✦ Familial

# Religieux

- ◆ Toutes les possibilités. Ne pas confondre entre:
  - La foi, croyance (fiduciaire), « sentiment religieux »
  - La prière, méditation, relaxation
  - Et appartenance



Yaksa (« *Atlas* ») portant le Triratna  
(Trois Joyaux):

Bouddha

Dharma : la Loi (l'ordre des choses)

Sangha : les valeurs de la Collectivité

*Art du Gandhara (gréco-bouddhique) 3<sup>e</sup> siècle*

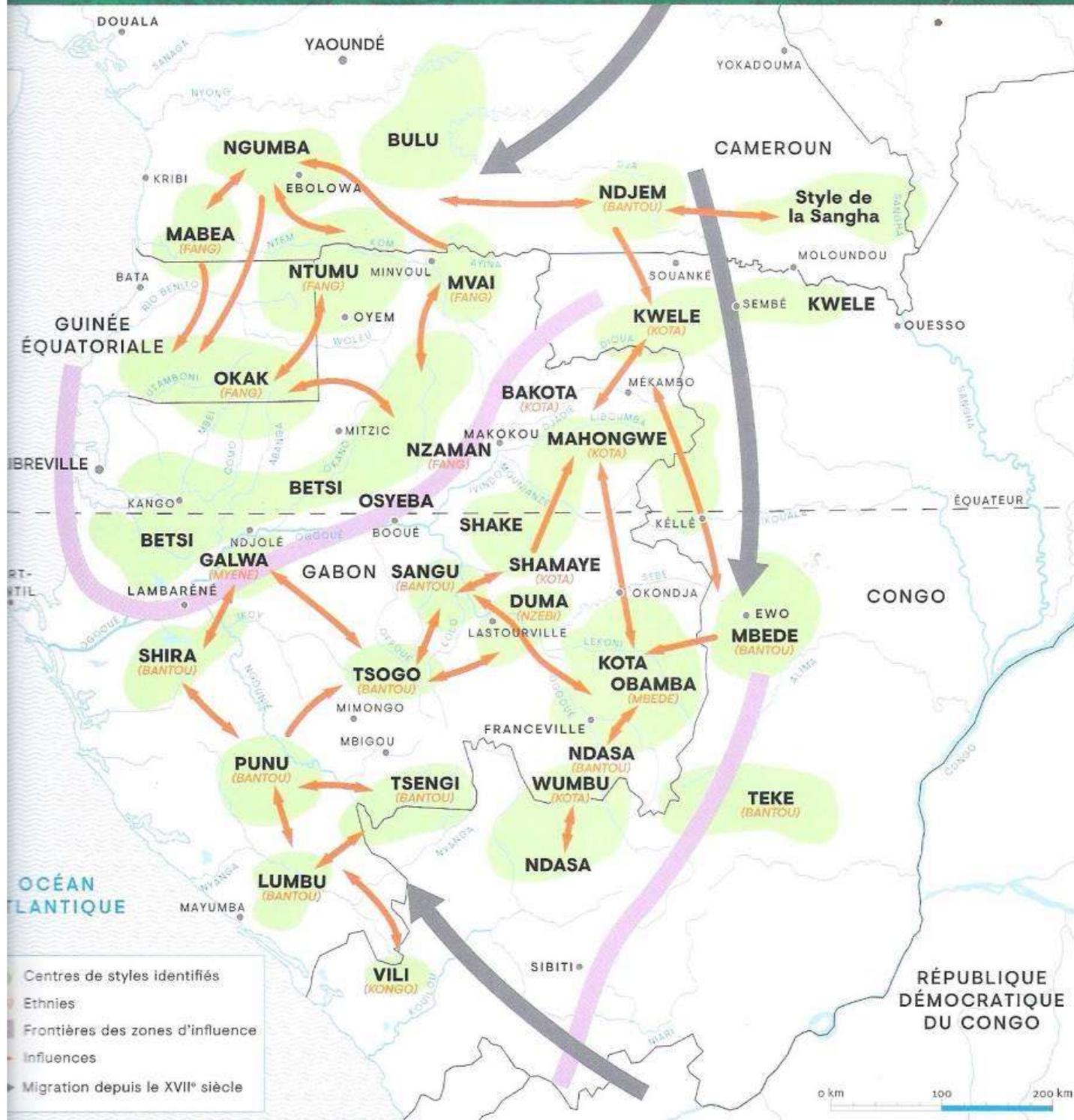


Toujours vivace...



*Musée Dapper;  
Catalogue de l'exposition  
Chefs d'œuvre d'Afrique  
Paris Ed. Dapper, 2015*

# DÉPLACEMENTS ET INFLUENCES AU XVII<sup>e</sup> SIÈCLE



*Musée du quai Branly  
 Les forêts natales  
 Beaux arts éditions  
 2017*

# Totémisme



*Géso, Glélé  
et Behanzin,  
rois du Dahomey  
M. Besson,  
Le totémisme,  
Paris, Ed.  
Rieder 1929*

## *Au total*

- Identité sépare
- Culture communique
- Communauté partage
- Appartenance regroupe

# L'interaction institution-individu

- Désordre individuel
  - Solitaire
  - Angoissé
  - Décliné, incliné...
- Langage populaire
  - Exprimer le malaise
  - Se confier
  - Taire l'incompréhensible
- Réponse collective
  - Instituante
  - Normative
  - Cadran
- Langage institutionnel
  - Nommer le désordre
    - Médecine: **maladie** patient
    - Éducatif: **lacune** élève
    - Social: **besoin** bénéficiaire
    - Justice: **délit** justiciable
  - Montrer et faire voir ce désordre (dénier...)
  - En déduire la fonction d'ordre
  - **Étrangeté devient désordre**

# Changer de terminologie

Ne plus parler de « migrants » mais :

- **Personnes** et **institutions** en « situation d'altérité »
  - Chef d'entreprise expatrié et **URSSAF**
  - Réfugié et **Préfecture**
  - Travailleur migrant retraité et **CMS**
  - Deuxième génération et **Éducation Nationale**
  - Jeunes errants et **Pôle emploi**
  - **SDF** et **RATP**



# Multiples dimensions

# Individuelles

- Personnelles,
  - Âge
  - Genre
  - Roman familial (lignage)
  - Histoire personnelle
    - Galère
    - Rue
  - Vie quotidienne
    - Précarité-CDI
  - Ouverture à l'Autre
- Professionnelles,
  - Cursus
  - Rites de passage, d'appartenance
  - Expérience acquise
  - Modalités d'exercice
  - Temporalités

# Collectives

- Institutionnelles
  - Logiques de l'institution
  - Rites d'intégration
  - Cadre d'exercice
  - Modalités d'évaluation
  - Contraintes politiques (rapports de force)
- Interstitielles
  - Rélégation
  - Humiliation
- Espace-temps
  - Ici et maintenant
  - Ailleurs et hier
- Exotiques
  - Importation
  - Bricolage
  - Réinvention

# Exotisme

## ✦ Besoin de références

- ◆ Rangement en catégories prédigérées,
- ◆ Symboles rapidement mobilisés,
- ◆ Généralisation d'expériences toujours concrètes mais fragmentaires

## ✦ Construction artificielle de la réalité

- ◆ Partagée par toute l'humanité
- ◆ Quels que soient les environnements

# Constructions des stéréotypes : un jeu brésilien



# Premier couple : le portugais et le paysan

ajuda créditos menu voltar

## Mascate português

Diego de Magalhães é um típico regatão, com seu chapéu panamá. É assim que são chamados os mascates que viajam de barco pela Amazônia, procurando seus fregueses na beira dos rios. O português aceita, às vezes, trocar a mercadoria por castanhas e botaçha para revender em Manaus ou Belém com bom lucro.



Mercadorias:  
Alimentos, Favelas, arames, garrafas, espingardas, remédios, utensílios diversos, Brilantinas cheirosas e espelhinhos com retrato de moça.



Cientes: Seringueiros, caboclos, índios, negros quilombolas. Inseu correu para a margem do rio quando viu que o regatão estava chegando. Precisa de ferramentas para a lavoura. Desta vez, não pretende aceitar a cachaca que o português tem sempre à mão para "amarrar" os clientes que reclamam do preço.



Ambulantes e Mascates

# 2ème couple : le français et la femme délicate

The image shows a screenshot of a mobile application interface. At the top, there are navigation icons for 'ajuda', 'créditos', 'menu', and 'voltar'. The main title is 'Mascate francês' in a cursive font. Below the title is a text box describing the character Louis Dupré, a French merchant who visits coffee plantations in São Paulo. To the right of this text is a cartoon illustration of a man in a dark suit and white shirt, holding a cane. Below the man is a basket filled with various goods, including a perfume bottle, a cosmetic jar, and fabric. To the right of the basket is a text box listing the types of goods: 'Mercadorias: Perfumes, cosméticos, bijuterias, tecidos finos e roupas íntimas. Caixas de música.' Below the basket is a cartoon illustration of a woman in a blue dress, holding a small object. To the right of the woman is a text box listing the clients: 'Clientes: Senhoras e moças finas de fazendas ricas de café. D. Honorina da Fazenda Boa Esperança é louca por perfumes. Maratinha, da Santa Geneveva, sempre fica com um bom corte de tecido para um vestido novo. D. Maria da Luz não perde uma só novidade em cosméticos.'

ajuda créditos menu voltar

## Mascate francês

O francês Louis Dupré é bem conhecido nas ricas fazendas de café do interior de São Paulo. Atencioso, tem o cuidado de anotar, numa pequena caderneta de capa verde, nome, idade, hábitos e os gostos de cada uma das freguesas que apreciam seus finos produtos franceses.

Mercadorias:  
Perfumes, cosméticos,  
bijuterias, tecidos finos  
e roupas íntimas.  
Caixas de música.

Clientes: Senhoras e moças finas de fazendas ricas de café.  
D. Honorina da Fazenda Boa Esperança é louca por perfumes.  
Maratinha, da Santa Geneveva, sempre fica com um bom  
corte de tecido para um vestido novo. D. Maria da Luz não  
perde uma só novidade em cosméticos.

Ambulantes e Mascates

# 3ème couple : le juif et le tailleur

ajuda créditos menu voltar

## Mascate judeu

Saul Kupermari, judeu de origem polonesa, deixou a Europa ainda muito jovem. Sem profissão anterior, foi mascatear no Rio Grande do Sul. Assim aprendeu a língua, vendendo, convencendo. No início carregava muita bugiganga, um pouco de tudo. Depois, encontrou um bom filão: começou a trabalhar com casimiras, atendendo os alfaiates.



Mercedarias:  
Casimiras,  
Livros e jornais.



Cientes: Alfaiates. Senhores da "alta sociedade": negociantes, fazendeiros. Seu José, alfaiate, foi um dos primeiros clientes de Saul. No contato com Seu José, Saul conheceu os figurões das redondezas que, encantados com a cultura geral do mascate, passaram a encomendar livros e jornais com as notícias da capital.



AMBULANTES E MASCATES

# 4ème couple : le libanais (turc) et la brodeuse

ajuda créditos menu voltar

## Mascate libanês

A cada dois meses o libanês Abdul Salum busca mercadorias em Salvador e logo adentra no sertão. Transporta quase quarenta quilos na sua grande caixa de armarinho, cheia de portinhas e estacinhos tapados com vidro. "Caixa-de-turco."



Mercadorias: Alfinetes, dentaduras, "bó darruz", "pente fina pra biolho marca elefante", óculos, ceroulas, rendas, linhas, tesourinhas, colarinhos e punhos duros. Peças inteiras de fazenda, morins, chitinhas muntão-abre-olho, toalhas felpudas e de mesa, lençóis, alguns vestidos prontos ou apenas alinhavados.



Clientes: Donas de casa e mocinhas casadoiras. Dona Julieta, eximia bondadeira, é freguesa antiga de Abdul. Além da variedade de linhas e apetrechos para bordados, o turco costuma trazer algumas rendas e tecidos só para ela, exclusivos.

# 5ème couple : le tzigane et la femme au foyer

ajuda créditos menu voltar

## Mascatê cigano

Como todo cigano, Ramon Kalderash faz da rua e do mundo a sua casa. Vive circulando entre vilarejos e fazendas. Na cidade, os ciganos sofrem muita perseguição... O nome Kalderash, em romani, quer dizer "caldeireiro". Pois bem: honrando a tradição da família, que veio da Europa Central, Ramon é exímio no manejo de metais. É só levantar a tenda e logo aparece a clientela para consertar objetos de latão, bronze e cobre.



Mercadorias:  
Utensílios como panelas, arames, folhas-de-flandres.



Clientes: Donas de casa.  
D. Luzia deu graças a Deus quando o cigano apareceu. O tacho de cobre para fazer os doces com os quais ganha a vida precisa urgentemente de um remendo. Com pouco dinheiro, espera que este cigano seja como outros que já passaram por ali e concorde em barganhar o serviço por alguma coisa de comer ou vestir.



Ambulantes e Mascates

*Histoire  
coloniale  
laisse des  
souvenirs*

Lyautey

Banania

Jardin d'acclimatation

\* musée du quai Branly  
LA OÙ DIALOGUENT LES CULTURES

L'INVENTION DU SAUVAGE  
**EXHIBITIONS**

[www.quaibrantly.fr](http://www.quaibrantly.fr)

Exposition  
29/11/11 - 03/06/12

16  
PAGES

PRIX  
Provisoire 25 CENT.

# Fillette

ABONNEMENTS  
Paris, Seine et Oise. 14. » 7.50  
Départements 14.50 7.50  
Étranger 16. » 8.50

Directeur littéraire : PAUL DE LÉONI. — Administration : 3, rue de Rocroy, Paris-X<sup>e</sup>.

## RIOLETTE, LA PETITE COLONELLE

RÉSUMÉ DES CHAPITRES PRÉCÉDENTS. — En 1798, Riolette de Langerville, que les chasseurs de son oncle, le marquis Hubert, appellent « la petite colonelle », accompagnée avec son amie Cécile, fille de la cuisinière Jeanne-Marie, le régiment qui part pour l'Égypte. Déguisée en soldat, les jeunes filles se glissent à bord du navire amiral. Découvertes au cours d'une revue, elles obtiennent de Bonaparte l'autorisation de suivre l'expédition. Au cours d'un combat, Riolette, tombée sous son cheval, est enlevée par le bey Mohammed, qui la conduit dans son palais du Cairé. La prisonnière, qu'un nègre, Sélim, est chargée de surveiller, passe son gardien lequel s'est foulé le poignet en la suivant dans le parc.

### CHAPITRE XI



Riolette

1.  
Ce remerciement naïf émut profondément la jeune fille; le noir avait une âme, une conscience, il comprenait le beau, le bon !  
— Allons, murmura Riolette, il était temps que nous vinssions ici apprendre à ces pauvres gens que tous les hommes sont frères et que l'on doit s'aider les uns les autres.  
Sur ce, la petite colonelle, faisant signe à son geôlier de la suivre, rentra au palais; là, elle ordonna au noir de se coucher dans l'ombre fraîche du couloir, devant sa porte, et lui mit sous la tête l'un des coussins de son divan. La journée s'écoula ainsi, sans que Riolette renouvelât sa promenade afin de ne pas fatiguer son gardien. De temps en temps, elle venait voir comment celui-ci se trouvait; chaque fois, l'esclave la regardait avec de bons yeux, qui disaient éloquentement toute sa reconnaissance.  
Le lendemain, il se fut de même. Le bey Mohammed était sans doute reparti pour l'armée, car, pas une fois il ne se montre chez la petite colonelle. D'autre part, grâce à des massages répétés, la luxation de Sélim allait de mieux en mieux.

2.  
Aussi, avant la fin de la semaine, l'esclave était-il complètement guéri, ce qui permit à Mlle Langerville de reprendre ses excursions à travers la vaste demeure. Le nègre la suivait ainsi qu'un chien. Une seule fois, il se dressa devant elle, barant respectueusement le passage. C'est qu'en effet, Riolette se dirigeait vers la cour sur laquelle débouchait la voûte permettant d'accéder à la rue. Cette voûte, à la vérité, était gardée, ce jour comme de nuit, par une dizaine de serviteurs armés.  
En son langage guttural et parfaitement intelligible, Sélim entreprit d'expliquer à la prisonnière que ce lieu lui était interdit. Riolette, à qui la vue du poste avait suffi, n'hésita pas et fit docilement demi-tour.  
Cependant, la pauvre fille commençait à s'ennuyer considérablement. Que devenaient son oncle, le lieutenant Ferry, la bonne Cécile et tous ses amis du 25<sup>e</sup> chasseurs? L'armée française approchait-elle du Cairé? et pouvait-elle escompter une prompte délivrance? Autant de questions que la petite colonelle se posait vingt fois par jour; mais, isolée...  
(Voir suite pages 8 et 9.)

1.  
Ce remerciement naïf émut profondément la jeune fille; le noir avait une âme, une conscience, il comprenait le beau, le bon !  
— Allons, murmura Riolette, il était temps que nous vinssions ici apprendre à ces pauvres gens que tous les hommes sont frères et que l'on doit s'aider les uns les autres.  
Sur ce, la petite colonelle, faisant signe à son geôlier de la suivre, rentra au palais; là, elle ordonna au noir de se coucher dans l'ombre fraîche du couloir, devant sa porte, et lui mit sous la tête l'un des coussins de son divan. La journée s'écoula ainsi, sans que Riolette renouvelât sa promenade afin de ne pas fatiguer son gardien. De temps en temps, elle venait voir comment celui-ci se trouvait; chaque fois, l'esclave la regardait avec de bons yeux, qui disaient éloquentement toute sa reconnaissance.



TABLEAU D'ENSEMBLE DES RACES PEUPLANT LES COLONIES FRANÇAISES

N<sup>o</sup> 1, 48, 50, 51-52-53, 54, 57-59, 60, 62, 63, 64, Madagascar. — 2, Tahiti. — 3, 4, 30, Nouvelle-Calédonie. — 5, 74, Iles Comores. — 6, 7, la Reunion. — 8, Iles Marquises. — 9, 10, 11, la Guadeloupe. — 12, 13, la Guyane. — 14, Côte d'Ivoire. — 15, 17-18, Soudan. — 16, Dahomey. — 19, 20, le Maroc. — 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, Mauritanie. — 29, 30, le Sénégal. — 31, 32, 33, 34, 35, 36, Oubangui. — 37, 38, 39, 40, 41, Guinée française. — 42, 43, 44, 45, 46, Somalie. — 47, 48, 49, Côte d'Ivoire. — 50, 51, Algérie. — 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, Etablissements français dans l'Inde. — 81, 82, Laos. — 83, Sahara. — 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, Maroc.

81, 89, 90, Annam. — 32, 33, 34, 35, 36, Oubangui. — 40, 41, Guinée française. — 42, 43, 44, 45, 46, Somalie. — 47, 48, 49, Côte d'Ivoire. — 50, 51, Algérie. — 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, Etablissements français dans l'Inde. — 81, 82, Laos. — 83, Sahara. — 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, Maroc.

# Regard du professionnel

- ✦ Curiosité traite l'Autre d'étrange
- ✦ L'obligation de la différence,
- ✦ L'homogénéisation des différences,
- ✦ L'enfermement de l'Autre :
  - ◆ Raccourcis systématiques,
  - ◆ Confirmation des préjugés (stéréotypes)

*Naciréma*



Intérieur d'une case de Fidjiens.

Cap. Mayne Reid; Les peuples étranges; Paris, 1875



Extrait du film « légères perturbations en centre Gaule »  
CSI Lemarié et Pozzi

pour raccommoder mes voitures, pour couler du plomb; un cric, des cloux, du fer en barre et en morceaux, des épingles, du fil, des éguilles, quelques eaux spiritueuses, etc. et vous aurez une idée parfaite de ce ménage ambulante. Telle étoit la charge de mes deux voitures qui pouvoient peser quatre à cinq milliers chacune. Je ne dois pas oublier de parler de mon nécessaire. Il m'a trop souvent amusé. Rien n'est comparable à l'étonnement qu'il causoit aux Sauvages des Pays lointains. Je m'en servois toujours devant eux. Leurs discours à ce sujet ont plus d'une fois prolongé ma toilette, et m'ont procuré d'agréables récréations.

# *Groupes et discrimination*

*« Action d'isoler et de traiter différemment certains individus ou un groupe... »*

Application de jugement et de comportement illégitimes en fonction d'un état stéréotypé sans lien avec la question.

Sexe

Couleur

Sociale (et signes parallèles : accent, etc.)

Age

Handicap

...

**DE NOUVEAUX  
SERVICES**  
POUR LES VOYAGEURS  
À BIR-HAKEIM

DES  
INFORMATIONS  
PERSONNALISÉES



Une qualité de service renforcée et une

LES FRANÇAIS VUS DU TRAIN



Les Français ont changé, mais ils aiment toujours le train et la SNCF innove pour que l'histoire d'amour dure.

Les Français ont changé, mais ils aiment toujours le train et la SNCF innove pour que l'histoire d'amour dure.

*Expo photo Jardins du Luxembourg Paris, Novembre 2010*



# *Éthique comme acte non naturel*

Contraindre son jugement à une égalité, en ouvrant le champ des possibles.

Respect, tolérance (équilibres...) se posant la question des conséquences réelles de l'habitude « culturelle »

Toutes les cultures sont évolutives

Adapter son attitude

Distanciation de sa propre culture « Je est un autre »

Tout en sachant respecter ses missions et engagements professionnels

Exhaustivité serait absurde.



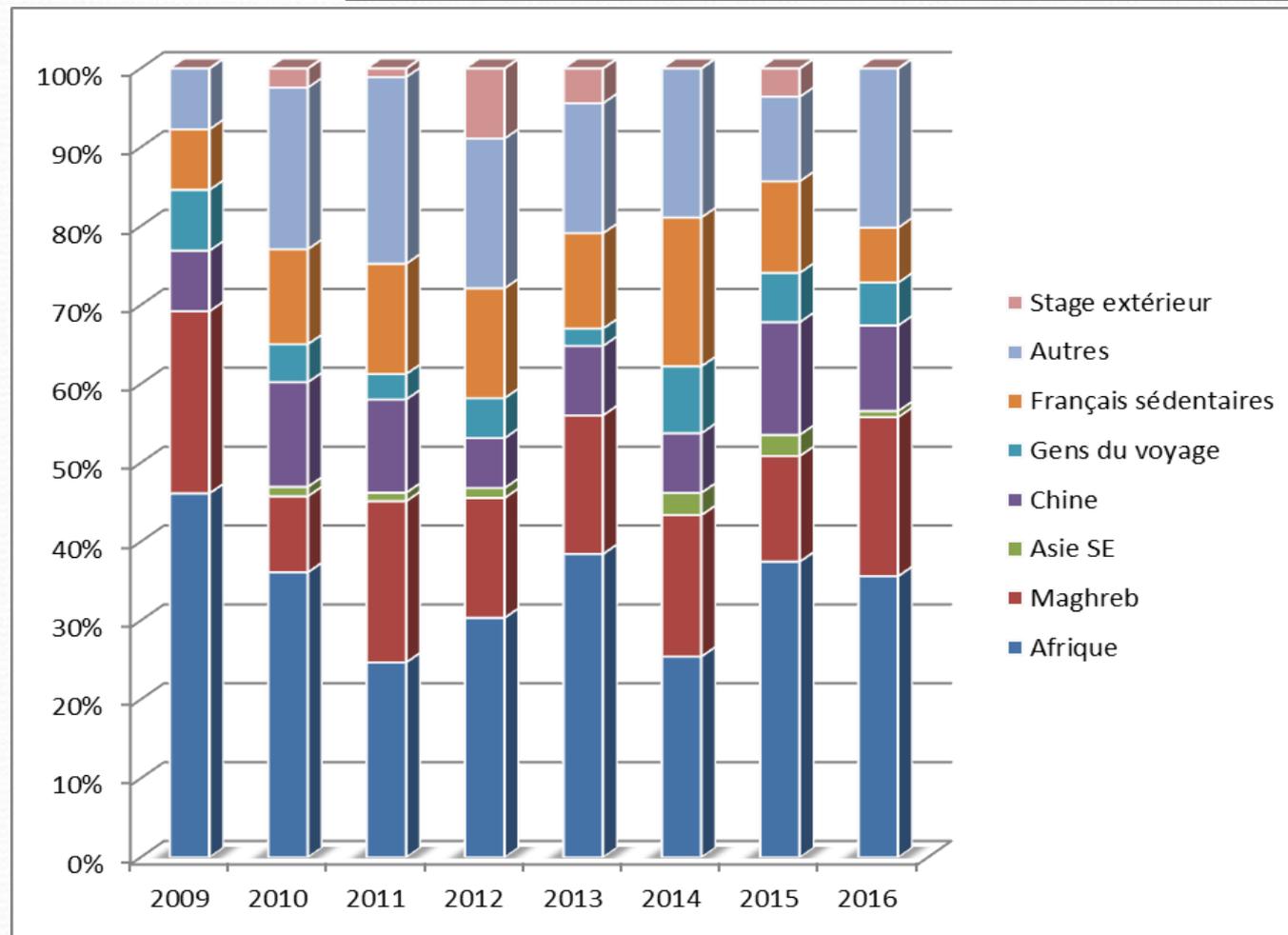
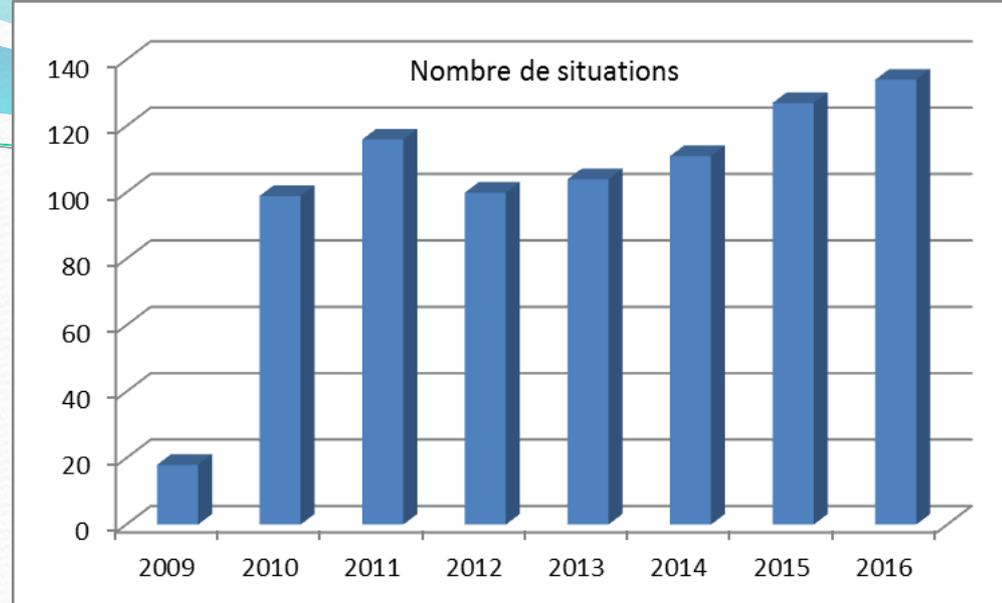
Qu'est-ce qui fait crise?  
Formation des puéricultrices

## Exemple de l'IPP

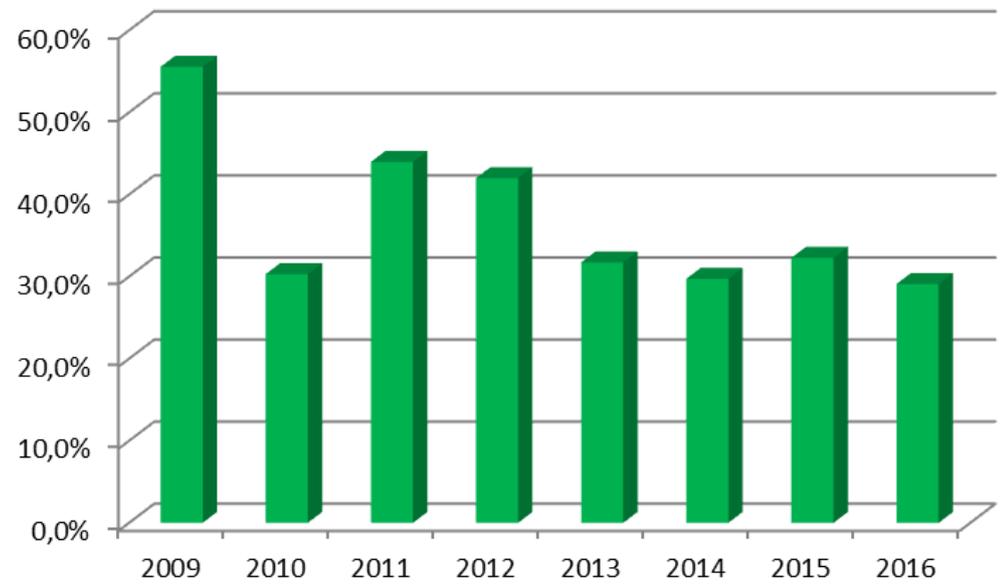
- 8 années
- 809 situations
- 706 Origine documentée (87,3%)

### Total

Afrique	33,0%
Maghreb	16,7%
Asie SE	1,4%
Chine	10,5%
Gens du voyage	5,2%
Français sédentaires	12,5%
Autres	18,1%
Stage extérieur	2,5%

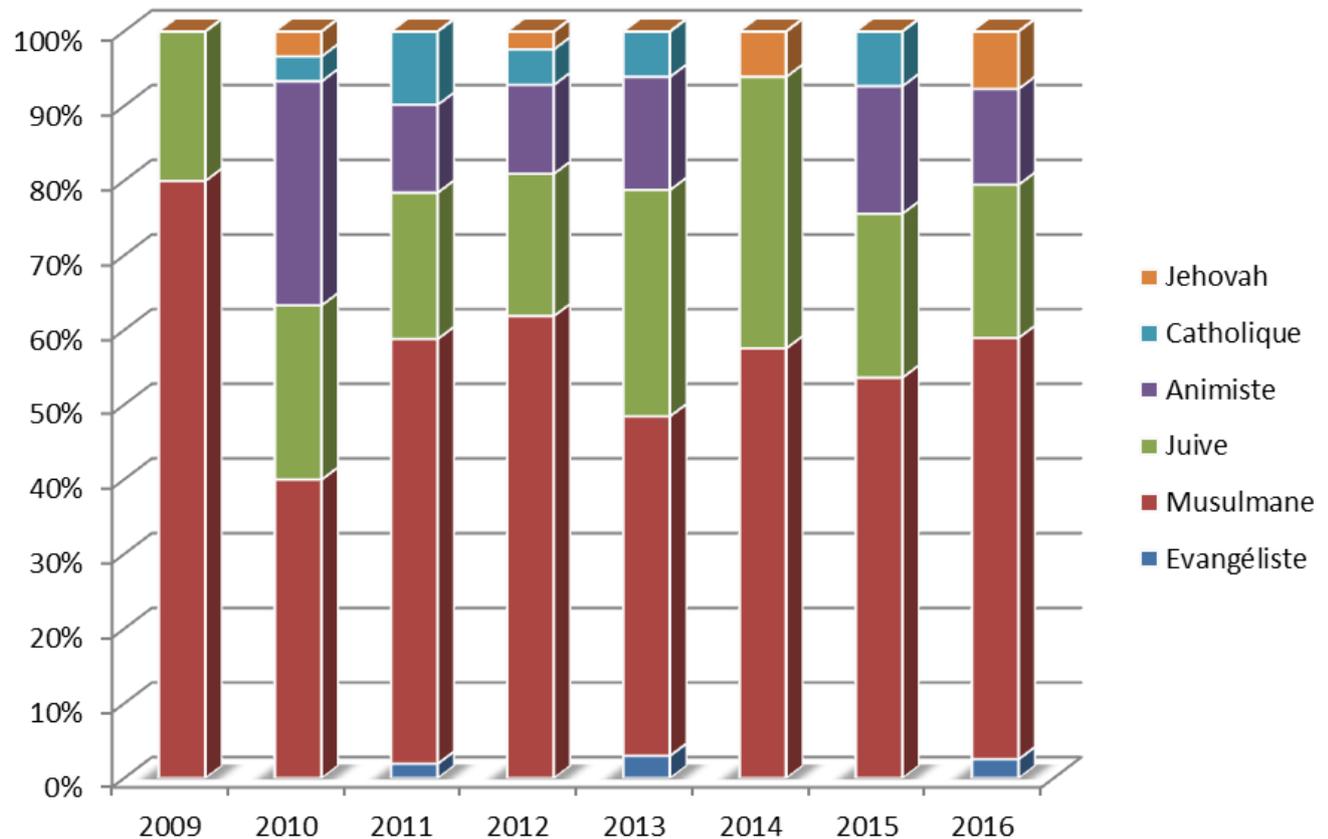


# religion



279 situations ont impliqué la religion (34,5%)

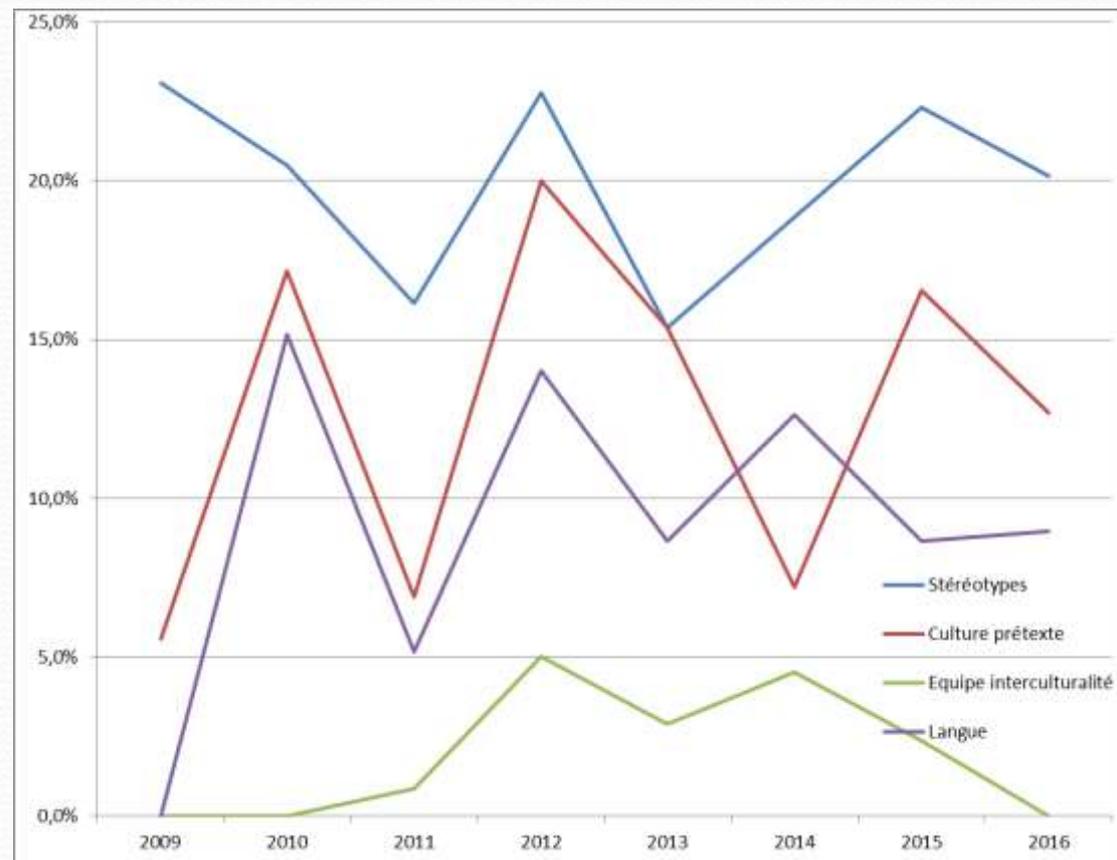
Evangéliste	1,1%
Musulmane	54,8%
Juive	23,7%
Animiste	13,3%
Catholique	4,7%
Jehovah	2,5%



# Classiques

Sur un total de 809 situations

- Stéréotypes 17,1%
  - Shabbat (51,5% juifs)
  - 40 jours (50% chinois)
  - Massages (14,6% africains)
  - Gens du voyage
  - Cohabitation des sexes
- Langue 10%
- Culture prétexte 13,3%
  - Chips ...
  - Ado diabète



# Plus rares

- Gestion de la douleur (drépano)
- Frères de lait
- Prénom à cacher
- Cordelette et gris gris
- Interculturalité dans l'équipe

# Souffrance des professionnels

- 68% des situations débouchent sur une souffrance ou un questionnaire
- 39% problème de mise en œuvre des soins (90% hors champ professionnel: sexe du soignant, voile, etc.)
- 34% solution positive
- 25% échec
- Quelques gags (Madame Espé)
- Quelques situations violentes (deuil hystérique)

# Culture écran 14%

- Situations de conflits belle-mère, de couple masqués par la « culture »
- Père envahissant prend la culture comme prétexte
- Equipe assigne identité à un couple abusivement exigeant mais qui n'invoque pas la religion

- Interculturalité en équipe
  - Seulement 6 situations
    - Langue maternelle non parlée par toute l'équipe
    - Stigmatisation au sein de l'équipe
- Au total
  - Respect total mais pas de tabou
  - Pouvoir se sentir légitime d'en parler
  - Ne pas se laisser hypnotiser : être capable de dépasser
  - Communauté d'intérêt:  
Assurer des soins de qualité et équitables

Les intervenants du champ médico-social voient de nombreux migrants et enfants de migrants parmi les populations dont ils s'occupent. De ce constat souvent abusivement amplifié, la question culturelle surgit, et avec elle, la tentation d'y répondre comme à un phénomène sociologiquement limité et concernant les seules « minorités visibles ». Pourtant, cette question n'est-elle pas toujours engagée dans les relations entre l'institution, incarnée par les professionnels, et les usagers, bénéficiaires, clients... qui restent, quel qu'en soit l'état civil, « d'étranges étrangers », c'est-à-dire des personnes humaines ?

Les auteurs de cet ouvrage, dans un paradoxe apparent, contribuent à élargir l'horizon de la question de la culture, tout en la portant au plus intime de chacun. Forts d'expériences multiples et diverses, en particulier sur d'autres continents, ils ouvrent des pistes concrètes et donnent des repères pour outiller les acteurs et renforcer leurs postures, afin de désamorcer les crises ou de les prévenir. Faisant dialoguer positivement identité et altérité dans les pratiques quotidiennes aussi bien éducatives que sanitaires ou judiciaires, ils tentent de poser les jalons d'une nouvelle pratique du social qui serait respectueuse du pluriel. Au final, l'exigence éthique paraît seule en mesure de fonder une approche des phénomènes culturels débarrassée du naturalisme ethnologique, comme de conférer une efficacité véritable à des initiatives qui, sans elle, ne sauraient relever que d'une technicisation du social.

*Stéphane Tessier, médecin de santé publique, a suivi un parcours en trois temps : médecin en Afrique australe, puis dans l'aide humanitaire, ensuite intervenant chercheur et formateur en santé de la mère et de l'enfant, enfants des rues au Centre international de l'enfance (CIE), enfin éducateur pour la santé en Ile-de-France (CRESIF) dans des milieux très divers. Auteur et directeur de plusieurs ouvrages, dont L'enfant des rues (L'Harmattan, 2005), Santé publique, santé communautaire (Maloine, 2004), il a toujours cherché à croiser les regards et les disciplines dans une perspective d'anthropologie appliquée aux questions d'éducation et de santé.*

*Avec la participation de : Martine Abdallah-Preteceille, Bernard Bier, Isabelle Coutant, Caroline Blacheff, Nazir Hamad, Kouakou Kouassi, Jean-Pierre Lebrun, Étienne Le Roy, Françoise Lorcerie, Ibra Ciré N'Diaye, Yasmina Picquart, Edwige Rude-Antoine, Geneviève Vinsonneau*

*Cet ouvrage a été constitué à partir des travaux du DORPAD (Dispositif public au service des professionnels de l'enfance et de l'adolescence en difficulté) et de ceux de l'association REGARDS (Repenser et gérer l'altérité afin de rebondir la démocratie et les solidarités) créée à partir du laboratoire d'anthropologie juridique de Paris 1, et du CRESIF (comité régional d'éducation pour la santé d'Ile-de-France).*

www.editions-eres.com



9 782749 210490

ISBN : 978-2-7492-1049-0

Prix : 23 €

Imprimé en France

Création et conception : Stéphane Tessier  
Réalisation : Kouassi Porto Nono, Bénin ; Statue de justice : Palais municipal d'Osso, Bénin.

Sous la direction de  
**Stéphane Tessier**  
**Familles et institutions :  
cultures, identités et imaginaires**

Sous la direction de **Stéphane Tessier**

# Familles et institutions : cultures, identités et imaginaires

Pratiques du champ social

éres

